

PÓS-MODERNIDADE OU HIPERMODERNIDADE? PENSANDO O SUJEITO CONTEMPORÂNEO SOB AS ÓTICAS DE LIPOVETSKY E BAUMAN

POSTMODERNITY OR HYPERMODERNITY? THE CONTEMPORARY SUBJECT UNDER THE VIEW OF LIPOVETSKY AND BAUMAN

Daniel Nery da Cruz *

RESUMO

Este artigo tem por objetivo avaliar como o conceito de sujeito na modernidade foi posto em questão na pós-modernidade tendo como base as abordagens de Gilles Lipovetsky e Zygmunt Bauman. As teses defendidas são expostas neste texto com a finalidade de esclarecer os pontos de vistas de cada teórico, estabelecendo um debate direcionado ao tema da contemporaneidade e seus impactos no indivíduo. Ao debruçar-se sobre temas do cotidiano, Lipovetsky oferece uma visão filosófica e sociológica do tempo atual, traçando um perfil da sociedade contemporânea. As descrições que Lipovetsky oferece do nosso tempo ajudam a compreender como a sociedade do prazer e bem-estar dissolve os valores deixados pela modernidade, ocasionando um universo sem referências, sem sentido e sem objetivo, esvaziando a noção de sujeito forjado pela filosofia moderna. Lipovetsky encara com otimismo esse tempo, não o considerando “o coveiro da razão”, e trabalhando com a ideia de que o objeto (mercadorias de consumo, mídia) não tem poder sobre o homem. As coisas materiais praticamente perdem a importância justamente pelo fluxo oferecido e provocado pelas escolhas e variedades. Bauman, em contraposição, vai afirmar que nesse universo de escolhas, o sujeito não se encontra livre; existe sim certo fetiche da mercadoria, que encanta e faz o indivíduo preso na própria escolha, sem liberdade de não escolher.

PALAVRAS-CHAVE: Lipovetsky. Bauman. Modernidade. Sujeito. Pós-modernidade.

ABSTRACT

This article aims to evaluate how the concept of subject in modernity was put into question in postmodernity based on the approaches of Gilles Lipovetsky and Zygmunt Bauman. The theses defended are presented in this text with the purpose of clarifying the points of view of each theorist, establishing a debate directed to the theme of contemporaneity and its impacts on the individual. By focusing on daily themes, Lipovetsky offers a philosophical and sociological view of the present time, drawing a profile of contemporary society. Lipovetsky's descriptions of our time help us understand how the society of pleasure and well-being dissolves the values left by modernity, bringing about a universe without references, meaningless and aimless, emptying the notion of subject forged by modern philosophy. Lipovetsky views this time with optimism, not considering it the "gravedigger of reason", and working with the idea that the object (consumer goods, media) has no power over man. Material things practically lose importance precisely because of the flow offered and brought about by choices and varieties. Bauman, in contrast, will state that in this universe of choices, the subject is not free; there is a certain fetish of the commodity, which enchants and makes the individual trapped in his own choice, without the freedom of not choosing.

KEY WORDS: Lipovetsky. Bauman. Modernity. Subject. Postmodernity.

* Doutor em filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Professor da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS. Mestre em filosofia – UNISINOS. Pesquisador do Núcleo Avançado de Estudos da Contemporaneidade – UESB. Integrante do grupo de pesquisa ética, biopolítica e alteridade CNPQ. Bolsista PROSUC/CAPES. E-mail: danielncruz@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

Modernidade, pós-modernidade e hipermodernidade são conceitos que não ficam claros quando nos aprofundamos numa análise filosófica sobre o assunto. Porém, alguns autores procuram definir nosso tempo e entender nossas ações no mundo pela especulação e o debate. Dentre esses autores destacam-se Bauman e Lipovetsky. Ambos trazem para suas reflexões temas semelhantes sobre o sujeito moderno e contemporâneo. Mesmo com semelhantes reflexões, muitas diferenças surgem em seus argumentos sobre a sociedade e seus rumos. Este artigo visa esclarecer algumas dessas querelas debatidas pelos dois teóricos com o intuito ainda de provocar o debate expondo seus pontos de vistas. Como ambos partem de um mesmo problema (a modernidade), é preciso entender como os tempos modernos foram caracterizados na história e na filosofia para depois disso avaliar as visões de cada um.

A modernidade é caracterizada pela ideia de progresso, de valorização do novo, do pensamento como critério de validade e certeza e da oposição à tradição, de valorização do indivíduo ou da subjetividade como lugar da certeza, da verdade e origem dos valores, em oposição à tradição, isto é, ao saber adquirido, às instituições, à autoridade externa (MARCONDES, 2004). Touraine (1994), por sua vez, alerta sobre a grande dificuldade de definição da modernidade, porém garante ser característica dela estar livre da antiga organização baseada no ser divino e livre para a busca do saber científico.

Segundo os ideais da modernidade, a sociedade deve traçar seu destino livre de referenciais absolutos, controladores do agir humano, a ciência toma um lugar de destaque e as atividades religiosas são relegadas para a vida privada. Sabe-se que na Idade Média tudo era determinado pelo divino, Deus é o centro da vida social, política, cultural..., representado pelas autoridades eclesiásticas (padres, bispos, papa) que interpretavam a vontade divina.

Com a inauguração dos tempos modernos, o homem torna-se o centro, sujeito, agente transformador, construtor do mundo, critério de certeza, em que tudo se subordina à razão. A ideia de sujeito, de agente transformador, forjada na modernidade, tem gênese em uma série de eventos ocorridos desde antes do século XVI no âmbito da economia, da política, da cultura e da religião. Assim, podem-se citar, entre outros, as grandes navegações e a conquista do novo mundo que dão uma nova cosmovisão ao homem europeu no contato com as culturas ameríndias, bem como o Renascimento e a Reforma Protestante que trouxeram mudanças cruciais no campo filosófico e que minaram as bases da sociedade medieval. Marcado “por uma verdadeira paixão pelas descobertas”, o movimento renascentista irá contribuir na

construção de uma nova sabedoria: “eruditos redescobrem as antigas doutrinas filosóficas e científicas, forjadas pelos gregos, e em nome das quais torna-se possível constituir uma sabedoria nova, oposta às concepções que prevaleceram na Idade Média” (PESSANHA, 2004, p. 07).

O Movimento Iluminista, grande propagador do projeto moderno, depositou uma confiança cega e ilimitada na razão a ponto de o século XVII ser denominado o “Século das Luzes”. A razão teria chegado a tal estágio de desenvolvimento que ela seria capaz de dissipar as trevas da ignorância que obscurecem o espírito humano (MONDIN, 1980). Kant (2005), ao tentar dar uma resposta sobre o que é o esclarecimento (*Was ist Aufklärung?*), define-o como a saída do homem da sua menoridade, da qual ele próprio é culpado, ao não ousar fazer uso do próprio entendimento, preferindo ser direcionado por outro indivíduo.

Para Touraine (1994), o iluminismo distingue-se da filosofia que o precede pela sua intenção de estender a todos os homens o que tinha sido propriedade de apenas alguns, a saber, uma existência conduzida em conformidade com a razão.

A ideologia moderna alicerça toda forma de conhecimento num modelo natural sem relação a crenças religiosas, o que deve valer é o que se pode medir “e o indivíduo só está submetido às leis naturais” (TOURAINÉ, 1994, p. 20). O pensamento científico deve ser totalmente transparente e a sociedade deve refletir essa transparência sendo organizada pela razão que, “nesse sentido, nada mais é do que cálculo, isto é, adição e subtração [...]” (HOBBS, 2002, p. 39).

A Modernidade construiu um personagem independente, livre das pressões tradicionais. Fazer a pergunta o que é o sujeito ou o que se entende por sujeito deve levar o investigador a buscar respostas nas duas “figuras da modernidade: a racionalização e a subjetivação” (TOURAINÉ, 1994, p. 218). Dessa maneira “o logos divino que atravessa a visão pré-moderna é substituído pela impessoalidade da lei científica, mas também e simultaneamente pelo eu do sujeito” (TOURAINÉ, 1994, p. 218).

Descartes, de certa forma, deu à nova visão científica a filosofia de que ela precisava com a ideia de sujeito. Sua tomada de decisão em meio a uma época de inovações e incertezas deu uma nova perspectiva no campo epistemológico. Abandonando uma visão cosmológica do homem centralizada na autoridade e na religião, ele propõe um olhar centrado na certeza do conhecimento a partir do próprio indivíduo. Esse fundamento antropológico deu origem ao chamado racionalismo.

Procurando encontrar um método seguro e indubitável para as novas ciências, “em uma época em que haviam afirmado e se desenvolviam com vigor novas perspectivas científicas e novos horizontes filosóficos” (REALE, 2004, p. 287), Descartes desenvolve uma metodologia fundamentada no conhecimento a partir de “[...] regras que se fundamentam na certeza adquirida de que o “nosso eu” ou a consciência de si como realidade presente se apresenta com as características da clareza e da distinção.” (REALE, 2004, p. 293). A respeito desse método, Descartes assim afirmava: “Formei um método pelo qual me parece que eu consiga aumentar de forma gradativa meu conhecimento, e de elevá-lo pouco a pouco, ao mais alto nível, a que a mediocridade de meu espírito e a breve duração de minha vida lhe permitam alcançar (DESCARTES, 2004, p. 36).

Sem dúvida, o sujeito cartesiano e o consequente avanço da razão proporcionaram uma rápida difusão do projeto moderno, conduzindo o indivíduo em direção às grandes descobertas, a começar por si mesmo de tal forma que, sabendo de suas capacidades racionais, transforma-se em um ser da ação, confiante e determinado a mudar os antigos paradigmas da sociedade.

Entretanto, o ideal moderno de racionalidade baseado na absolutização da razão entrou em crise e conduziu a inúmeras ações destruidoras: confecção de bombas atômicas, massacres totalitários, guerras mundiais, dentre outros atos destruidores. Tudo isso levou o sujeito a perder a confiança na razão, entrando de forma descontrolada no universo das emoções. Os ideais iluministas pareciam não garantir completamente o que prometeram.

A absolutização da razão com a promessa de uma vida de progresso, equilibrada e segura para o ser humano, fez o sujeito se identificar e confiar plenamente na ciência, influência que ainda persiste. Porém, a história mostrou principalmente no século XX, que o uso da razão não legitimou a promessa iluminista. É desse contexto da filosofia do sujeito e da formação da modernidade que esse trabalho tem seu ponto de partida e se insere no debate filosófico conduzindo uma discussão sobre a questão da pós-modernidade ou hipermodernidade (para Lipovetsky) e suas consequências sobre a moderna noção de sujeito. Este estudo visa realizar além de uma análise e esclarecimento de como o conceito de sujeito na modernidade foi posto em questão na pós-modernidade (tendo como base as abordagens de Gilles Lipovetsky e Zygmunt Bauman), definir a grande reflexão: vivemos na pós-modernidade ou hipermodernidade? E o que isso significa para o sentido da vida contemporânea?

1 BAUMAN E A CONCEPÇÃO PÓS-MODERNA DE SUJEITO

A noção de sujeito é central na filosofia moderna. René Descartes inaugura o que se pode chamar de modernidade tendo como princípio fundador o sujeito. Depois de ter passado tudo sob o crivo da dúvida inclusive a realidade externa e o próprio corpo, restou para Descartes como ponto seguro o sujeito que duvida cuja substância não é outra senão aquela de pensar.

A noção que possuo do espírito humano, enquanto é uma coisa pensante e não extensa, em comprimento, largura e profundidade e que não participa de nada que faz parte do corpo, é incomparavelmente mais clara do que a ideia de qualquer outra coisa corporal. (DESCARTES, 2004, p. 291).

É verdade que a noção de sujeito não foi introduzida na filosofia pelos modernos, já na antiguidade Aristóteles nas *Categorias*, fala do sujeito no contexto lógico da predicação; com esse uso, o termo *sujeito* corresponde a tudo aquilo que pode receber um predicado. Em contexto da metafísica aristotélica, o sujeito corresponde à substância, noção que engloba tudo que tem existência externa em si mesma independentemente de ser posto pelo pensamento.

No pensamento moderno, especialmente no movimento iluminista e na filosofia kantiana, o sujeito é o indivíduo autônomo construtor da realidade cognoscitiva, moral, política e social que se constitui como indivíduo consciente de si, livre, autônomo e independente da tradição e da autoridade.

Kant, em seu clássico texto de 1784, *Resposta à pergunta: “que é o esclarecimento?”* (Was ist Aufklärung?), diz que a modernidade como a saída do homem da sua menoridade, da qual ele próprio é culpado, ao não ousar fazer uso do próprio entendimento, preferindo ser direcionado por outro indivíduo ou instituição. Nesse opúsculo, o sujeito é entendido como o indivíduo senhor de si mesmo, não tutelado, que tem como único guia o seu próprio entendimento, ou seja, a razão humana livre e autônoma de toda autoridade.

Touraine (1994), em sua obra *Crítica da modernidade*, procura interpretar a tese iluminista, ressaltando que o que distingue o iluminismo da filosofia que o precede é a sua intenção de estender a todos os homens o que tinha sido propriedade de apenas alguns, a saber, uma existência conduzida em conformidade com a razão. Essa extensão leva o indivíduo à busca do saber, assim incita Kant, ainda em seu opúsculo sobre o esclarecimento,

“Sapere aude” (ousa saber), pois é do exercício livre e autônomo da razão que o ser humano alcançará o progresso, a tranquilidade e o bem-estar.

Esclarecimento [Aufklärung] é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. Sapere aude! Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento [Aufklärung]. (KANT, 2005 p. 100).

Essa confiança exagerada na razão perpassou a história, mas também ganhou muitos críticos como Marx, Nietzsche e pensadores da escola de Frankfurt, que concluíram como ela foi utilizada para o controle das classes oprimidas com o intuito de dominar a sociedade. Adorno e Horkheimer, em sua *Dialética do esclarecimento* (1985), fazem uma crítica a essa ambição moderna pelo domínio da natureza por meio do saber científico.

No sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores. Mas a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal. O programa do esclarecimento era o desencantamento do mundo sua meta era dissolver os mitos e substituir a imaginação pelo saber [...] O preço que os homens pagam pelo aumento de seu poder é a alienação daquilo sobre o que exercem o poder. O esclarecimento comporta-se com as coisas como o ditador se comporta com os homens. Este conhece-os na medida em que pode manipulá-los. O homem de ciência conhece as coisas na medida em que pode fazê-las. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p-p. 17-21).

Na ânsia pelo conhecimento, a meta do Iluminismo era a dissolução dos mitos e sua substituição pelo saber. Contudo, essa ideia de uma sociedade iluminada pela razão soberana tem sua origem também em um mito, a saber, no mito iluminista de que, com o reinado da racionalidade, o próprio mito se converteria em esclarecimento “e a natureza em mera objetividade”. Na era iluminista, há um controle sutil em que a técnica e a produção em massa produzem condições suficientes para que grupos sociais superiores controlem o resto da população, alienando-a e explorando-a em vista de interesses puramente econômicos.

É pessimista a visão de Adorno e Horkheimer sobre os efeitos da era iluminista. Lipovetsky, por seu lado, partindo da ideia de autonomia articulada pelos teóricos do iluminismo, elucida a herança deixada para a era contemporânea, sem cair, no entanto, em uma crítica pessimista tal como a apresentada pela escola de Frankfurt. Esse otimismo é

explorado por Lipovetsky no sentido de enxergar no individualismo contemporâneo o emblema da autonomia e da emancipação dos homens, predominando um pós-moralismo que não rejeita valores, mas rechaça a ética do sacrifício. Onde todos veem manipulação, controle, nefastas perdas de referência e desagregação social, o pensador da fugaz enxerga um novo sopro da democracia. Sem constrangimento, defende a sociedade de consumo e denuncia o ressentimento de intelectuais que, em busca de legitimação, anunciam o apocalipse ao vivo (SILVA, 2013).

No projeto moderno, é alimentada a ideia de que a razão pode construir por si mesma toda a realidade humana. Mas essa confiança ilimitada na razão entrou em crise nos tempos contemporâneos. O sujeito que se imaginava autônomo acaba se dissolvendo em sua própria subjetividade. Influenciados pelas ideias dos modernos, os indivíduos imaginaram-se autônomos; porém, agora, sob os efeitos da crise de confiança na razão, viram-se imersos apenas em sua própria subjetividade. Mas há aqui um elemento paradoxal, pois essa mesma emotividade será também terreno fértil para o nascimento de um novo indivíduo na era contemporânea que para Bauman é o indivíduo pós-moderno, que surge com a liquefação dos valores da modernidade.

Fluidez é a qualidade de líquidos e gases que os distingue dos sólidos, como a enciclopédia britânica com a autoridade que tem nos informa, e que eles, como ressalta Bauman (2005) “não podem suportar uma força tangencial ou deformante quando imóveis e assim sofrem uma mudança constante de forma quando submetida a tal tensão”.

Bauman busca a figura da fluidez como a principal metáfora para o estágio presente da era moderna. “Diferentemente dos sólidos, os líquidos não mantêm sua forma facilmente; os líquidos por assim dizer não fixam o espaço nem prendem o tempo” (BAUMAN, 2001, p. 08). Ele utiliza a fluidez ou líquidos como metáforas para captar a natureza da presente fase, nova de muitas maneiras na história da modernidade, figura já utilizada por Marx em 1848 no *Manifesto comunista*. “Tudo que era sólido e estável se esfuma, tudo o que era sagrado é profanado, e os homens são obrigados finalmente a encarar com serenidade suas condições de existência e suas relações recíprocas.” (MARX; ENGELS, 1988, p. 07).

Segundo Bauman, esses sólidos que são citados no manifesto comunista têm urgência em derretê-los para descobrir ou inventar outros sólidos de consistência duradoura “solidez em que se pudesse confiar e que tornaria o mundo previsível e, portanto, administrável (BAUMAN, 2001, p. 10). Tais sólidos, as lealdades tradicionais, os direitos costumeiros e as obrigações que impediram os movimentos e restringiram os inativos.

Construir uma nova ordem sólida tem como primeira tarefa livrar-se dos entulhos da velha ordem. O derretimento dos sólidos também trouxe a libertação da economia dos tradicionais embaraços políticos, culturais e éticos. Sedimentou uma nova ordem, definida principalmente em termos econômicos (BAUMAN, 2001, p. 10).

Tendo presente essas afirmações, o sujeito foi libertado de suas velhas molduras e foi admoestado e censurado caso ele não consiga recolocá-las pelas suas próprias habilidades “contínuas e verdadeiramente infundáveis” (BAUMAN, 2001, p. 13). Assim, a tarefa dos indivíduos livres era usar sua liberdade para encontrar o nicho apropriado e ali se acomodar e se adaptar. Seguindo as regras com fidelidade, os indivíduos são identificados como apropriados para aquele lugar.

Segundo Bauman essas regras, padrões e códigos eram confiáveis quando eram estáveis e orientavam o sujeito moderno. Esse aspecto hoje está em falta, pois estamos passando de uma era de grupos de referência predeterminados para uma de comparação universal. Chegou a vez da liquefação dos padrões de dependência e interação. Esses padrões são maleáveis agora, são todos fluidos e não mantêm a forma por muito tempo. Seria imprudente negar ou mesmo subestimar a profunda mudança que o advento da modernidade fluida produzia na condição humana (BAUMAN, 2001, p. 15). Assim, Bauman ressalta que os velhos conceitos que orientavam a vida do indivíduo moderno, na pós-modernidade, se esvaíram, tornando os indivíduos como zumbis, mortos vivos. Abre-se a questão: será que é possível ainda uma ressurreição desses valores, e se não for, como realizar um enterro decente e eficaz?

Modernidade líquida é o conceito utilizado por Bauman para apresentar as principais características e aspectos do mundo atual. As muitas esferas da sociedade como a vida privada, vida pública, os laços de relacionamentos estão passando por várias mudanças e levando o tecido social a se enfraquecer. Esse enfraquecimento faz com que as instituições percam a solidez. Assim como os líquidos, a modernidade líquida é o tempo de desapego, do provisório e da individualização. Ao mesmo tempo em que é época de liberdade também é tempo de insegurança. Para Bauman, os homens dessa era nas grandes cidades têm a sensação de impotência. O vizinho é o desconhecido; o sujeito pós-moderno tem medo, está ansioso, seu relacionamento para com o outro foi mercantilizado.

O individualismo forma uma sociedade fragmentada em grupos e gera pessoas ansiosas e inseguras. Por quê? Uma comunidade dividida, como relata o autor, cria indivíduos

desconhecidos (estrangeiros) uns dos outros. E cada vez mais essa realidade vai sendo ampliada tendo como pano de fundo a violência e o medo, originados pela insegurança.

A violência urbana é um dos males que assola a convivência humana comunitária e causa sensação de insegurança e medo em todas as classes. Muitos analistas sociais associam a causa principal desse mal à pobreza. Nas grandes cidades, por exemplo, aumentam cada vez mais os bairros empobrecidos que, por sua vez, são mais atrativos para a criação e fortalecimento de grupos criminosos.

As pessoas vivem para se defenderem e são retraídas em uma operação legitimadora e reprodutora dessa crise de segurança. Quanto mais os indivíduos procuram proteção mais aumenta a sensação de insegurança.

Obcecados pelos seus problemas pessoais, os cidadãos de hoje enfrentam essa insegurança adotando mecanismos baseados na lógica moderna de isolamento. Fraco, indefeso e desestabilizado, aprisiona-se dentro de sua própria casa, constrói muros, cercas elétricas, um arsenal de produtos de segurança a fim de se proteger dos tão temidos “estrangeiros” e desconhecidos. Ainda na análise de Bauman, as sociedades formadas na ideia coletiva substituíam os “laços naturais” por outros laços que davam forma a um sistema de coletividade, e o individualismo quebra completamente esses laços sem substituí-los por nenhuma forma comunitária, segregando a sociedade em grupos sempre mais distantes e desconhecidos. E o desconhecido causa medo e desconfiança.

Os medos modernos tiveram início com a redução do controle estatal (chamada desregulamentação) e suas consequências individualistas, no momento em que o parentesco entre homem e homem – aparentemente eterno, ou pelo menos presente desde tempos imemoriais – assim como os vínculos amigáveis estabelecidos dentro de uma comunidade ou de uma corporação, foi fragilizado ou até rompido. O modo como a modernidade sólida administrava o medo tendia a substituir os laços “naturais” - irreparavelmente danificados – por outros laços, artificiais, que assumiam a forma associações, sindicatos e coletivos part-time (quase permanentes, no entanto, pois consolidados pela rotina diariamente partilhada). (BAUMAN, 2009, p. 4-5).

Com o enfraquecimento do poder público, o espaço urbano, abandonado pelas autoridades, vai facilmente sendo ocupado por criminosos que têm sua origem na mesma comunidade onde pratica suas ações ilegais. A ilegalidade nasce ali mesmo, e os fatores que geram essa estrutura, para a maioria dos estudiosos e especialistas sociais, estão atrelados ao esquecimento da população, que destituída dos serviços públicos como saneamento básico,

transporte, lazer, cultura, iluminação pública, educação, saúde, policiamento, emprego e todos os elementos essenciais para a vida. A falência do sistema de segurança aumenta a batalha nas ruas das cidades e a confiança da população nas instituições é dissolvida a zero. Já que o governo e o poder público não estão conseguindo resolver o problema, a única saída para o cidadão é proteger-se por conta própria e investir em materiais de vigilância.

Em um relatório apresentado pela ONU na cidade mexicana de Monterrey durante as comemorações ao dia Mundial do Habitat em 1º de outubro de 2007 foi divulgado o resultado de uma pesquisa acerca do problema do medo e violência, 35 países fizeram parte do estudo inclusive o Brasil. A pergunta foi formulada da seguinte forma: sentem-se seguros quando voltam para casa à noite? Os índices mais elevados vieram do Brasil com 70%. Esse número revela o mapa do medo que leva as pessoas a desconfiarem umas das outras provocando um mal-estar social, um desconforto em estar nas ruas ou praças, que se tornaram as moradias do medo.

As cidades refletem muito o interior do ser humano, por isso Bauman, em seus ensaios sobre *Confiança e medo na cidade* faz uma interessante análise de como as pessoas vivem voltadas para si e cada vez mais estão em clima de medo e insegurança. As pessoas aterrorizadas com a violência buscam intensamente se refugiar em grandes condomínios, monitorados 24 horas por câmeras e seguranças. Ninguém se arrisca a frequentar praças e ruas em determinada hora com medo de ser surpreendido por malfeitores empenhados em roubar ou matar. Desse modo, alastra-se por todas as partes o deserto na “res pública”. O problema, porém, é que com a insegurança, estão destinadas a desaparecer das ruas da cidade a espontaneidade, a flexibilidade, a capacidade de surpreender e a oferta de aventura, em suma, todos os atrativos da vida urbana (BAUMAN, 2009).

O que está em alta é o espaço privado, grande exemplo disso são os shoppings centers, os espaços de lazer, de condomínios, casas de eventos receptivos etc. Os locais públicos como as praças, e os centros históricos são esvaziados. A própria arquitetura das casas e dos prédios públicos tem uma tendência a ser cada vez mais parecida com presídios. “A arquitetura do medo e da intimidação espalha-se pelos espaços públicos das cidades, transformando-as sem cessar – embora furtivamente – em áreas extremamente vigiadas, dia e noite” (BAUMAN, 2009).

Também os indivíduos estão fragilizados em seus laços de afeto, esses são dissolvidos por qualquer desarranjo. Por isso o “interesse é reduzido a curiosidade sobre as vidas privadas de figuras públicas, e a arte da vida pública é reduzida a exposição pública das questões

privadas e a confissões de sentimentos privados (BAUMAN, 2001, p. 46). Bauman diferentemente de Lipovetsky, é claramente pessimista, ele nos mostra que a modernidade líquida é um em que a violência, o terrorismo, e o individualismo exacerbados, instalados em não lugares, em terras de ninguém (BAUMAN, 2001).

Outro aspecto que o autor localiza na sociedade contemporânea é fenômeno da descartabilidade frente ao cenário de fluidez que tem como característica o descarte das relações estabelecidas. Isso para manter o máximo do consumo. Assim, na perspectiva de Bauman, o sujeito da modernidade líquida se constitui por inúmeros mal-estares, sentimentos de aflição, insegurança, depressão, ansiedade, já que é ameaçado pela possibilidade de se tornar supérfluo.

Essa fluidez tem como consequência o fim da era do engajamento mútuo. O aumento da liberdade também é visto por Bauman como um fator de ordem negativa. Eis a angústia do autor: o aumento da liberdade individual pode coincidir com o aumento da impotência coletiva na medida que as pontes entre a vida pública e privada são destruídas ou para começar, nem foram construídas, ou colocando de outra forma, uma vez que não há uma maneira óbvia e fácil de traduzir preocupações pessoais em questões públicas e, inversamente de discernir e apontar o que é público nos problemas privados (BAUMAN, 2001, p. 10).

Tal é o aspecto do pensamento de Bauman sobre a era atual, por isso o consideramos como representante da pós-modernidade neste estudo.

2 LIPOVETSKY E A CONCEPÇÃO HIPERMODERNA DE SUJEITO: O NARCISISTA

Se a modernidade era marcada pela ideia do indivíduo autônomo, consciente dessa autonomia e protagonista do seu próprio destino, a era atual leva ao extremo esse valor (CARDOSO, 2007), produzindo uma nova personagem: o *narciso*. Esse novo indivíduo (*homo psi*) libera de forma intensa um amor por si mesmo, promove uma deserção dos valores altruístas e acaba por instaurar um processo de personalização, isolando-se em seu mundo subjetivo. Na contemporaneidade, o hedonismo fundamentado no consumo de massa torna-se o valor por excelência da cultura. O prazer e o estímulo dos sentidos se tornam dominantes na vida comum. Essa lógica hedonista é levada ao extremo, pois o homem contemporâneo eleva exacerbadamente os valores da modernidade até seus mais altos limites.

Assim, a pós-modernidade lança o homem num infinito universo de escolhas e promove de forma exacerbada o legado deixado pela era moderna. Mas essa euforia narcísica que toma o ser humano como “senhor de si” e da natureza acaba gerando uma crise de identidade, pois não há mais referenciais, não há fundamento; na pós-modernidade, o indivíduo “flutua sob o sol” sem rumo, esvaziado de sentido. A pós-modernidade dissolveu o sujeito e inaugurou uma época em que o mercado, seus produtos e serviços determinam a vida das pessoas. Mas o efeito disso é paradoxal, pois o “materialismo” exacerbado das sociedades da abundância também tornou possível a eclosão de uma cultura centrada na expansão subjetiva gerando um sujeito narcisista. O personagem pós-moderno forjado pela sociedade consumista é o narcisista, caracterizado pela dessubstancialização do sujeito. Com essa afirmação não se quer dizer que o narcisismo é exclusividade de uma época. A ideia aqui apontada é apenas uma derivação, um tipo de narciso desenvolvido na pós-modernidade. Caracterizando esse indivíduo, o jornal *Le Monde* publicou o retrato falado do novo egoísta em ação. “Pragmatismo e cinismo. Preocupações a curto prazo. Vida privada e lazer individual. Sem religião, apolítico, amoral, naturista. Narcisista. Na pós-modernidade, o narcisismo coincide com a deserção do indivíduo cidadão, que não mais adere aos mitos e ideais de sua sociedade” (FERREIRA, 1991, p.101).

Lipovetsky vem dizer que esse sujeito está imerso agora num deserto inédito que escapa das categorias niilistas ou apocalípticas. O sujeito opera no vácuo, silenciando a existência cotidiana. Um deserto paradoxal onde não há catástrofes ou tragédias e que acabou por se identificar com o nada e a morte. As instituições, os princípios absolutos esvaziam a tal ponto que não passam de organismos desativados. Que ser ou que tipo de homem sobrevive nesse ambiente? “O homo psi” (narciso).

Na era do espetacular, as antinomias duras, o verdadeiro e o falso, o belo e o feio, o real e o ilusório, o sentido e o não-sentido esmaecem, os antagonismos se tornam “flutuantes” e começamos a compreender, sem ofender nossos metafísicos e antimetafísicos, que hoje em dia é possível viver sem finalidade e sem sentido, em seqüências instantâneas, e isso é uma novidade. “Qualquer sentido é melhor que nenhum sentido” dizia Nietzsche, e nem mesmo isto ainda é verdade hoje em dia, uma vez que a necessidade do sentido em si mesma foi varrida e a existência indiferente ao sentido pode desdobrar sem tragédia ou abismo, sem aspiração a novas escalas de valores. (LIPOVETSKY, 2005, p. 21)

“Ninguém está dando a mínima importância” (LIPOVETSKY, 2005, p.19). Essa frase caracteriza como o vazio e em certa medida o enfraquecimento das ideologias tiveram espaço na pós-modernidade, porém parece que não trouxeram mais angústia, absurdo ou pessimismo como esperavam os pessimistas. O que há, segundo Lipovetsky, é um “afrouxamento pós-moderno”, não é uma tradução de um deserto de revolta, gritos, o que reina é a indiferença. É nesse ambiente de apatia e esvaziamento de sentido que nasce um sujeito capaz de sobreviver no deserto. A pós-modernidade desenvolveu Narciso. O sujeito não está mais orientado para o espaço público, mas para si mesmo. Nesse sentido, o materialismo exacerbado foi o que ajudou a tornar possível a grande expressão subjetiva. O sujeito livre para escolher diante do universo de objetos oferecidos no mercado e vivendo em uma “suavização” disciplinar tem o direito de escolher o que lhe apraz segundo os seus desejos, desde que eles não prejudiquem o outro.

Um grande impulso psíquico traduzido como “consumo de consciência” cresce: ioga, expressão corporal, psicanálise, dinâmicas de grupo, meditação transcendental. Tudo isso sintetiza esse sujeito, o “homo psicologicus” obcecado por si mesmo. “A cultura narcísica é a celebração da aparência física, o triunfo do espelho e o culto da própria imagem” (PEREIRA, 2006, p. 03).

O esvaziamento do sujeito “permite uma radicalização da esfera pública e assim uma adaptação funcional ao isolamento social” (LIPOVETSKY, 2005, p. 37). Para sustentar essa lógica, é necessário que o centro das atenções seja o Eu. Assim, o deserto social é aproveitado como estratégia de sobrevivência.

O novo tipo de narcisismo não está estagnado. Olhando fixamente sua imagem no espelho, o *Narciso*, discutido aqui, não é imobilizado, contemplativo. Ele saiu, se move em uma busca interminável de si mesmo, num processo de flutuação “psi”. “Narciso se coloca em órbita.” (LIPOVETSKY, 2005, p. 37). Não se contentando em esvaziar somente a esfera social, ele esvazia também o seu eu que flutua sem direção, perde suas referências e sua unidade por excesso de atenção.

As características de um sujeito determinado, forte, consciente de si, controlador da sua vontade, agora parecem ofuscadas. Houve uma grande dissolução daquele indivíduo guiado pela moderação racional, pois agora ele entra num universo onde os impulsos imperam ao máximo. A fraqueza da vontade chega ao seu mais alto grau:

Trata-se da mesma dissolução do Eu que abre a nova ética permissiva e hedonista: o esforço saiu da moda, tudo que é constrangedor e disciplina austera desvalorizou-se em benefício do culto ao desejo e de sua satisfação imediata, tudo acontece como se a intenção fosse levar às últimas consequências o diagnóstico de Nietzsche sobre a tendência moderna de favorecer a fraqueza da vontade. (LIPOVETSKY, 2005, p. 38).

O eu enfraquecido forjou uma sociedade atomizada e a consciência “cool” anuncia a indiferença, porém “o enfraquecimento da vontade não é catastrófico e nem prepara uma humanidade submissa e alienada, ele não anuncia de modo algum a ascensão do totalitarismo” (LIPOVETSKY, 2005, p. 30). É uma sociedade dirigida do interior, e as escolhas dão o poder de decisão às pessoas. A personalidade não pode ser mais imitativa e sim diferente, singular; é um verdadeiro desprendimento do domínio do outro. É o processo de personalização que liquefaz a identidade rígida do eu e suspende o olhar do outro. O que Lipovetsky (2005, p. 40) quer deixar claro é esse processo ou essa nova maneira de ver a pós-modernidade. “A paixão narcisista não procede de uma alienação de uma unidade perdida, não compensa uma falta de personalidade, mas sim gera um novo tipo de personalidade”. E de que é formado esse novo tipo de personalidade? É composto de uma consciência nova, indeterminada e flutuante. O eu está flutuando sem nenhuma fixação ou referência numa velocidade de combinações.

O narcisista é um personagem entendido como preso à sua intimidade e está sempre à procura dessa intimidade instantânea, de muita excitação emocional, porém, sem envolvimento. O narcisista é obcecado pela sua imagem, por isso sua aparência é sempre valorizada e deve ser aceita pelos outros. Para isso, ele deve buscar incessantemente a individualidade, pois a cultura do narcisismo é uma cultura da sobrevivência que depende do espelho do outro (GIDDENS, 2002).

O homem econômico do século XX deu lugar ao homem psicológico ou narcisista, quando os sentimentos como a depressão, medo, insegurança, vazio etc. aumentam sempre mais, por ser sem limites, que vive em permanente estado de desejo, insatisfeito. “A sociedade de consumo consegue tornar permanente a insatisfação” (BAUMAN, 2007, p. 106).

Uma imensa preocupação com o corpo e sua perfeição estética angustia o sujeito contemporâneo. A idade, as rugas, a obsessão pela saúde, a higiene, ginásticas, boa alimentação, esportes etc.. tudo isso serve para demonstrar como o narcisista vive à procura de bens e serviços que lhe garantam beleza, sensualidade, popularidade, aparência física

agradável e, nessa esteira, o corpo também entra na lógica flutuante sem lugar fixo, sempre em movimento.

Esse individualismo narcisista não acaba com as formas coletivas. O que acontece é o seguinte: quando o indivíduo sai do seu isolamento e engaja em ações coletivas, ele o faz por estratégia individualista, os interesses particulares prevalecem sobre os sociais. Lipovetsky não afirma que, com a sociedade hiperindividualista, findaram-se as lutas sociais mesmo em meio ao individualismo. Existem várias formas de engajamentos coletivos nesse tipo de sociedade. A diferença está em não haver submissão a qualquer referencial absoluto. A ação é livre das correntes tradicionais. Os princípios modernos na contemporaneidade são readaptados para “uma sociedade liberal, caracterizada pelo movimento, pela fluidez, pela flexibilidade; indiferente como nunca antes se foi aos grandes princípios estruturantes da modernidade, que precisaram adaptar-se ao ritmo hipermoderno para não desaparecer” (Lipovetsky, 2004, p. 26).

Nesse meio individualista, *Narciso* é frágil, fraco, incerto, flutuante, vive sem sentido, porém consegue sobreviver num progresso incessante das realidades individualistas e coletivas, subjacentes ao código da subjetividade. Para muitos, esses indícios levam a crer numa crise do sujeito em que as frustrações nos campos do pensamento e da ética descreditaram no indivíduo idealizado pela modernidade.

3 BAUMAN: O INDIVÍDUO COMO MERCADORIA

Diferentemente de Lipovetsky, Bauman tenta esclarecer que nessa trama do consumo as pessoas se preparam e se apresentam a um mercado onde cada um se transforma em objeto. Bauman acredita ter mostrado que a vida se transforma em um bem de mercado, podendo ser negociada e apreendida como uma mercadoria. Pensado desse modo, verifica-se uma diluição do sujeito em favor de sua objetivação. Sujeito e objeto são integrados num mesmo sistema.

O indivíduo passa então a ser interpretado como um investimento social de si próprio. No mercado existe uma demanda, tal demanda exige a obtenção de qualidades para serem satisfeitas. Por outro lado, as qualidades que já existem podem ser recicladas e transformadas em mercadorias, dando continuidade à criação da demanda (Bauman, 2007, p. 75). O consumidor vivencia na cotidianidade sua experiência subjetiva e ele mesmo passa a ser responsável pelo seu sucesso ou fracasso de acordo com as escolhas realizadas.

O centro da questão proposta por Bauman brota do sentido de manipulação. Segundo seu pensamento, a escolha do consumidor entra em uma lógica sistêmica em que a decisão de não escolher foi descartada. Então, há uma exigência imposta ao indivíduo de integrar-se na sociedade consumista para habilitar-se a viver nessa mesma sociedade. Ele deve, além de ter competência nas suas escolhas, não se arriscar a ponto de comprometer sua realização. A escolha pode ser sua, mas lembre-se de que fazer uma escolha é obrigatório (BAUMAN, 2007).

Bauman parte da noção de fetichismo de mercado, investigada por Marx. Nesse processo há o encobrimento das relações entre os homens em favor da relação entre as coisas. Bauman propõe, então, que na sociedade do consumo, a lógica do mascaramento é sustentada pela subjetividade. Nessa lógica, o consumidor, com suas escolhas e sua subjetividade, termina por encobrir a real situação de todo o processo. Esse fetichismo da subjetividade gera uma situação paradoxal, pois dissolve e embaça o sujeito e o objeto, ou seja, consumidor e mercadoria. (BAUMAN, 2007).

Pode ser observado que, no argumento de Bauman, a relação sujeito-objeto é o fundamento da ideologia consumista que apela em favor do sujeito, mas que na verdade o transforma em objeto. Ele mesmo passa a ser mercadoria e só se constitui assim pelos apelos do mercado. O sujeito é assim, dissolvido como objeto, totalmente dependente e só se disponibiliza enquanto se constitui em mercadoria. Ocorre, com isso, uma redução das formas de expressão do humano à condição de objetos.

Bauman (2007), explica que existe nesse processo de redução uma luta ou resistência dos sujeitos. Essa tensão passa a ser resolvida pelo próprio sistema que acaba desviando o problema para o descarte ou sucateamento dos objetos ou mercadorias e dos estilos considerados ultrapassados. No vazio deixado por esse processo são colocados substitutos mais sofisticados, os novos, os mais perfeitos. Isso com o intuito de expressar o mais próximo o gosto e a personalidade da pessoa.

Nessa sociedade do descarte, fica claro que a insatisfação é peça chave para a manutenção das engrenagens de todo o sistema de consumo. A busca da felicidade por meio dos projetos e serviços estimulantes da sensação do bem-estar paradoxalmente é o valor de fundamental importância e, ao mesmo tempo, sua satisfação a extingue deixando lugar para o nascimento de uma nova busca da felicidade por meio dos novos estímulos provocados pelo mercado. A perpetuação da insatisfação é o motor de todo sistema, o coração que mantém em

movimento. Felicidade e infelicidade estão colocadas em uma mesma situação. Ambas são essenciais nesse processo.

Migrando a determinação do bem-estar de uma ordem social e coletiva para uma esfera particular do indivíduo, pondo sobre ele o peso de sua responsabilidade pelo seu sucesso ou seu fracasso, ao criar uma situação desse nível, explica Bauman (2008), os sofrimentos do mundo atual procedem de um excesso de possibilidades e não mais das proibições que eram impostas no passado.

Diferentemente de Bauman, que vê tal processo como um fator negativo, Lipovetsky (2005) tenta recuperar a noção de positividade da experiência consumista, mostrando que os momentos de satisfação são reais. O hiperconsumo acentua as motivações humanas, essas motivações segundo o autor, são verdadeiras como o amor, prazer, etc.

Na sociedade de consumo a felicidade não é apenas desejável, mas realizável. Claro, essa argumentação de Lipovetsky não é cômoda. A felicidade procurada na satisfação das experiências subjetivas gera uma situação paradoxal, ou seja, uma intensa procura de felicidade potencializa também uma ilusão de sua posse, simultaneamente tenho e não tenho.

Comparando as posturas de Bauman e Lipovetsky sobre o consumo atual, é possível constatar que não existe uma aproximação entre ambos quando se discute esse tema. De um lado, Bauman traz uma abordagem objetivante do consumo, em que os indivíduos se tornam também mercadorias e fazem parte do processo mercadológico como um produto a ser padronizado e negociado. Por outro lado, Lipovetsky trabalhando com a ideia da subjetividade, afirma que os indivíduos estão sempre em busca de seu bem-estar, de sua felicidade por intermédio das escolhas, procurando satisfazer seus desejos não de modo alienado, mas consciente.

Lipovetsky exalta a sociedade do hiperconsumo mantendo a ideia do sujeito na hipermodernidade e mostrando não apenas que ele está ávido por bem-estar material, mas também exalta o desejo de conforto psíquico, harmonia em seu interior. Essa harmonia, essa ação autônoma e reflexiva, tal como aponta Lipovetsky, levanta ao mesmo tempo alguns questionamentos. Será que essa condição do sujeito não passa de um efeito? Pensar um sujeito autocrítico, enquanto consumidor livre e reflexivo nesse processo, não seria pensar falsamente a realidade? Será que Bauman não estaria correto ao afirmar que por detrás da máscara do consumidor livre está presente uma estrutura que se compõe ordenadamente pelo crescimento das indústrias de consumo sendo elas responsáveis pela ilusão dos consumidores livres?

É importante notar que nessas indagações encontra-se o ponto chave em que se estruturam os argumentos dos dois autores. De um lado Bauman tem razão ao resgatar a ideia do fetichismo, pois a publicidade e a mídia em geral que divulgam a indústria consumista seduzem para a condição do fetiche. Os aparatos utilizados pelos agentes de produção simbólica, como por exemplo, os da publicidade ou os da indústria cultural precisam do fetiche no processo de atração dos seus clientes.

Na visão de Lipovetsky, porém, o indivíduo consumidor diante de suas múltiplas escolhas ainda continua livre para escolher. Nenhuma propaganda o obriga a comprar certa mercadoria. A propaganda pode influenciar em seu objetivo, porém a última palavra vai ser sempre do consumidor. Também na visão de Bauman, a propaganda não priva o consumidor da liberdade de não escolher.

As duas teorias aqui apresentadas, embora divergentes entre si, contribuem para a reflexão sobre o individualismo contemporâneo, mostrando sua faceta objetiva e ao mesmo tempo exaltando o universo subjetivo. Eis, então, o paradoxo da constituição da modernidade ou hipermodernidade ou ainda da sociedade do hiperconsumo: quanto mais o indivíduo é atraído para a esfera do crescimento material ou na cultura objetiva, mais ele se desloca para seu mundo pessoal.

O mercado com seus produtos nada faz senão estimular a esfera subjetiva das pessoas. Nesse ponto de vista, Lipovetsky tem razão ao afirmar que as coisas, os móveis da casa, as roupas, a disposição dos objetos em casa, a própria casa refletem o modo de ser dos seus donos. Cada vez mais as coisas são planejadas para espelhar a subjetividade, os sentimentos, o comportamento.

Então, parece que o comportamento do consumidor contemporâneo se processa em duas linhas de pensamento, por mais paradoxal que seja a junção das visões de Bauman e Lipovetsky. Em resumo, pode-se constatar que, ao mesmo tempo em que o consumidor é atraído pelos sistemas e processos de objetivação, como afirma Bauman, também paradoxalmente responde a isso ativando suas subjetividades com suas escolhas, como pensa Lipovetsky.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pós-modernidade ou hipermodernidade? Tal é a questão que foi posta em debate neste artigo pelas óticas de Bauman e Lipovetsky. Dentro dessa indagação há o sujeito que

Lipovetsky acredita estar inserido numa sociedade do prazer e bem-estar (de mercadorias e consumo) e que exacerba os valores deixados pela modernidade e paradoxalmente ocasiona um universo sem referências, sem sentido e sem objetivo, esvaziando a noção de indivíduo forjado pela filosofia moderna.

Constatamos, portanto, que Lipovetsky encara com otimismo esse tempo, não o considerando “o coveiro da razão”, e trabalhando com a ideia de que o objeto (mercadorias de consumo, mídia) não tem poder sobre o homem. As coisas materiais praticamente perdem a importância justamente pelo fluxo oferecido e provocado pelas escolhas e variedades. Sobre as investigações de Bauman, em contraposição à conclusão de Lipovetsky, verificamos que há constatação de que nesse universo de escolhas, o sujeito não se encontra livre: existe sim certo fetiche da mercadoria, que encanta e faz o indivíduo preso na própria escolha, sem liberdade de não escolher.

Muitos podem criticar Lipovetsky por esquecer ou omitir em seus estudos que esses bens não são acessados por todos. Uma grande parcela da população mundial vive em condições não privilegiadas. Assim, ao que parece, o mundo da hipermodernidade de Lipovetsky não chegou para muitos. Claro que ele tem razão por um lado em afirmar que muitas pessoas não têm acesso, mas sentem os efeitos dessa democratização do desejo. Acreditamos que muitos são realmente despertados ao desejo de ter, de comprar, talvez por ver uma propaganda atrativa na TV, ou mesmo em um outdoor, porém nunca concretiza esse desejo.

Lipovetsky poderia acreditar que esse acesso e a possibilidade de emancipação de alguns sujeitos a esse universo estaria mais ligado a uma questão política. Se nos países subdesenvolvidos houvesse um investimento em políticas públicas que valorizassem as pessoas e as incentivassem a crescer educacional e profissionalmente, haveria também mais garantias para uma expansão desse mundo hipermoderno a todos.

Essa era suavizou seus princípios por meio de um incentivo ao hedonismo e individualismo. Em Lipovetsky, o consumismo e o individualismo não são vistos como fatores negativos. Bauman, ao contrário, observa que esses fatores contribuem para o aprisionamento do sujeito ao sistema de interesses capitalistas. Realça que o sujeito não se encontra livre. A liberdade que existe é apenas aparente. O próprio ato de escolher é programado, pois o indivíduo não tem possibilidade de *não* escolher; está fechado e enfeitado pelo fetiche da mercadoria. Lipovetsky, no entanto, acredita que o sujeito não é

enganado. Ele compra se quiser e a propaganda não induz ou obriga ninguém a comprar. O sujeito na hipermodernidade continua, portanto, livre.

Acreditamos que ambos autores enxergam bem a problemática contemporânea, mas não poderíamos nestas notas finais deixar de observar que Lipovetsky está correto em sua análise ao dizer que nosso tempo é vazio e sem sentido em relação à modernidade, e que paradoxalmente vivemos a exarcebação dos valores deixados pela modernidade quando é forjada agora a hipermodernidade, ou seja, uma continuação tanto da modernidade e também da pós – modernidade. Por outro lado, criticamos sua postura ao não tocar na ferida dos problemas oriundos desse nosso tempo com mais profundidade, o que me parece ser mais plausível em Bauman, mesmo que consideremos ele muito saudosista e até exagerado em suas exposições sobre a modernidade líquida, mas colabora em não aceitar uma postura minimalista em relação aos problemas éticos e políticos de nossa sociedade. Independentemente de qual conceito possamos forjar para definir nosso cotidiano (se hiper ou pós) é encarar com uma postura crítica o processo que nos levou até aqui, seja ele histórico, econômico ou filosófico, Lipovetsky e Bauman conseguem provocar essa reação em seus leitores mais atentos.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W; M, HORKHEIMER. **Dialética do Esclarecimento**. Fragmentos filosóficos. Tradução Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução Plínio Dentzien, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

CARDOSO, João Santos. **Desafios à missão da Igreja na pós-modernidade**: relativismo, subjetivismo, secularismo e o eclipse do dever. In: Semana Teológica da Arquidiocese de Vitória da Conquista, 2007.

DESCARTES, René. **Descartes**. Vida e Obra. São Paulo: Nova Cultural, 2004. (Os Pensadores).

FERREIRA, Jair. **O que é pós-moderno**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

HORKHEIMER, Max. **Eclipse da razão**. 7ª edição. São Paulo: Centauro, 2007.

HOBBS, Thomas, **Leviatã, ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Era do Vazio**. Barueri, SP: Manole, 2005.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia**: dos pré-socráticos a Wittgenstein. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **O manifesto comunista**. 3ª edição, São Paulo, Global, 1988.

MONDIN, Batista. **Introdução à filosofia**: problemas, sistemas, autores, obras. 8ª ed. Paulinas: São Paulo, 1980.

PESSANHA, José Américo Motta. **Vida e obra**. In: DESCARTES, René. **Descartes**. Vida e obra. São Paulo: Nova Cultural, 2004, pg. VII-XX. (Os Pensadores).

PEREIRA, W. C. C. Autoridade, poder a autonomia: vícios e virtude. *Revista Convergência*. Rio de Janeiro, ano XLI, n. 392: CRB, maio 2006, ano XLI, n. 392.

KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: que é “esclarecimento?” (Aufklärung). In: **Textos seletos**. Tradução Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis/RJ: Vozes, 2005.

REALE, Giovane; Antiseri, Dario. **História da Filosofia**: do humanismo a Descartes São Paulo: Paulus, 2004. v.3.

SILVA, Juremir Machado da. Apresentação: vazio e comunicação na era “pós-tudo”. In: LIPOVETSKY, Gilles. **A Era do Vazio**. Barueri, SP: Manole, 2005.

TOURAINÉ, Alain. **Crítica da modernidade**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.